

## Da cor do preconceito: o negro na teledramaturgia brasileira

Alex Santana França<sup>1</sup>

No livro *A negação do Brasil - O negro na telenovela brasileira*, escrito pelo cineasta e doutor em Comunicação Joel Zito Araújo, o autor analisa o papel da mídia na história da telenovela brasileira, mostrando como são representados os negros, e as consequências destas representações nos processos de construção identitárias no país.

A representação do negro nas novelas brasileiras, abordada por ele, está situada entre 1963 e 1997. Observe que grande parte deste período envolve um contexto político específico no Brasil, a ditadura militar (1964-1985) que coibia os direitos democráticos dos cidadãos.

Entre 1964 e 1965 foi exibida na televisão brasileira um de seus maiores sucessos dramáticos: *O Direito de Nascer*, curiosamente uma trama de origem cubana, melodramática e moralista. Joel Zito destacou a repercussão da personagem “mamãe Dolores” interpretada pela atriz Isaura Garcia, na qual transparece um ideário de “grande mãe”, aquela que vem para fixar a “ordem” que o discurso autoritário da época propunha. Zito chamou a atenção para o sucesso da atriz Isaura Garcia, que em um primeiro momento pode ter provocado uma euforia nos atores afro-descendentes, que podem ter pensado que, agora, o negro faria personagens de destaque nas telenovelas brasileiras. Tal como destaca o autor, isto não ocorreu, predominando o padrão sócio-racial euro-americanizado. Numa sociedade marcada pelo ideário de branqueamento pós-escravista, predominou o que Zito chamou de “estética sueca”. O negro nas tramas está sempre no lugar da tragédia, que é o seu único lugar possível, afirma o autor, para quem tentasse ultrapassar a linha de cor através do casamento inter-racial .

Em 1969, foi levada ao ar *A Cabana do Pai Tomás*, onde um ator branco, Sérgio Cardoso fez o personagem título, cedendo a exigência dos patrocinadores. Com esta telenovela foi inaugurada na televisão brasileira o *blackface*, muito comum no início do cinema americano, onde os atores brancos eram pintados de preto, encarnando uma visão, uma imagem, pretensamente positiva que os brancos poderiam ter dos negros: o negro de alma branca, bondoso, serviçal e fiel.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras (UFBA)

O *blackface* só lembra todo tempo ao espectador que a alma branca esta sob a pele negra.

Apesar do sucesso de *O Direito de Nascer* é somente nos anos 1970 que a teledramaturgia ganha *status* definitivo de programa de maior audiência e de sucesso de público na TV brasileira. O autor fez um levantamento do período 1970-1979, onde comprovou que nem a Tupy e nem a rede Globo, se propuseram a contar os dramas da luta pela ascensão social e econômica da população negra brasileira, salientando que alguns autores, entre eles Janete Clair e Jorge Andrade, introduziram personagens negros em suas tramas; porém, nenhum deles chegou a ser protagonista ou antagonista, foram personagens de pouca densidade em relação à trama central (o que continua prevalecendo hoje).

Ainda na década de 1970, estreou *O Bem-Amado*, de Dias Gomes. Foi aí que a televisão brasileira experimentou pela primeira vez a cor. Apesar da mudança tecnológica, o negro não saiu de seu lugar estereotipado, que reafirmava um imaginário construído no período escravista: o negro como classe subalterna, sempre no lugar dos serviçais. Surgem nestas décadas as novelas de época que tinham como tema a escravidão no Brasil que reproduziam a versão oficial de que a libertação dos escravos foi um feito realizado só por brancos (*Escrava Isaura* e *Sinhá-Moça*).

Somente em 1978, segundo Zito, foi que surgiu nova mentalidade nas telenovelas que enfocavam a escravidão: passou-se a exibir um papel mais ativo dos negros na luta por sua própria libertação. Em *Sinhá-Fulô*, novela de Lafayette Galvão, a luta abolicionista é tratada como eixo central da história, embora lembre Zito, seja reforçado no decorrer da trama o estereótipo do herói branco, responsável pela libertação do negro do cativo.

Entre 1980 e 1990, de acordo com Zito, houve algumas mudanças, em destaque, as representadas pela telenovela *Corpo a Corpo*, onde aparece uma personagem vítima de preconceito racial, Sonia, vivida pela atriz Zezé Motta. Estas duas décadas são consideradas pelo autor como um período de ascensão do negro na telenovela brasileira. No entanto, teria permanecido no mesmo veículo a construção de uma identidade de “branquitude” na sociedade brasileira, onde as imagens dominantes, em especial dos subtextos, reforçam o elogio dos traços ‘brancos’ como o ideal de beleza dos brasileiros.

O livro de Joel Zito Araújo mostra que a nossa diversidade racial e cultural transforma-se, nas telenovelas, no paradoxo de um Brasil branco. Sua pesquisa mostrou de forma contundente que o lugar do negro nas tramas exibidas na televisão não mudou e que continua a se reproduzir no século XXI. Um exemplo disso são as recentes novelas do escritor, roteirista e autor de novelas, João Emanuel Carneiro. A primeira, *Da cor do pecado*, foi levada ao ar em 2004 pela Rede Globo de Televisão, que significou um marco. Foi um dos dez programas

mais vistos em 2004, alcançando grandes índices de audiência no horário das 19 horas, o que não ocorria na emissora desde 1996.

A novela conta a história de amor entre Paco, um jovem branco e rico, criado no Rio de Janeiro, e Preta, uma jovem negra e pobre criada no Maranhão. Alguns fatos desta história merecem atenção para entendê-la melhor: filho do empresário Afonso Lambertini (Lima Duarte), Paco (interpretado por Reynaldo Gianechinni) é um botânico bastante dedicado à sua profissão e que não concorda nem um pouco com os atos do pai, que desmata e queima para realizar seus empreendimentos. Paco nem suspeita que possui um irmão gêmeo e que sua mãe biológica, Edilásia, está viva. Numa viagem para o Maranhão, Paco conhece Preta (interpretada por Taís Araújo), linda moça negra de São Luís que vende ervas na barraca junto com sua mãe, Lita. Foi amor à primeira vista, eles trocam juras de paixão eterna, porém Preta fica desconfiada de que um homem branco e rico a ame de verdade. Na época, Paco ainda estava noivo de Bárbara, mulher ardilosa de caráter completamente desviado e que faria de tudo para que o romance dos dois acabasse e ela ficasse com a herança de Afonso, saindo assim da decadência.

É em uma dessas armadilhas que Paco se desilude com Preta: Kaíque e Bárbara fazem parecer que Preta comprou quase cinquenta mil reais em eletrodomésticos e móveis para a sua casa, usando os cartões de crédito do namorado, e ainda o traiu com seu ex, o marginal Dodô, comparsa de Bárbara em algumas de suas armações. Ao mesmo tempo, Paco descobre que Bárbara estava grávida dele - quando na verdade o filho era de Kaíque - e tem uma briga feia com seu pai. Logo, Paco descobre que Bárbara é amante de Kaíque, e fica com raiva dela. Em seguida, ela convence Afonso a internar Paco numa clínica para loucos.

Tudo isso rumina numa viagem de helicóptero de Paco com Bárbara. Ao mesmo tempo, no Maranhão, Preta tem duas notícias: a primeira é que Paco, o amor da sua vida, morreu. A segunda é que ela estava grávida de Paco.

Oito anos se passam. Paco ainda está no Maranhão com Ulisses, se preparando para a volta para casa. Agora, Preta é mãe de Raí, menino peralta porém de bom coração, e quer provar que o menino é filho de Paco. Para isso, vai ao Rio de Janeiro, após a morte de Lita. Lá está Bárbara e seu filho problemático Otávio, maltratado pela mãe. Tempos depois, Bárbara se casa com Tony, um empregado de Afonso inescrupuloso e calculista. Os dois armam de tudo para que Preta não prove que Raí é filho de Paco. Com a volta de Paco - ou Apolo - e Ulisses, as vidas de todos - Paco, Preta, Bárbara, Tony, Raí, Otávio, Afonso, Germana, Edilásia e Kaíque - mudam com a descoberta deste suposto irmão gêmeo.

Quando perguntado sobre como surgiu a idéia de colocar um romance inter-racial como a trama central de sua novela, João Emanuel Carneiro respondeu:

Este não foi o meu ponto de partida. Comecei imaginando a vilã da história. Ela é filha de um casal falido e quer dar o golpe do baú no filho de um milionário. De repente, ele se apaixona por uma jovem humilde que mora no Nordeste e estraga os planos da vilã. E eu achei que, além de pobre e nordestina, a protagonista tinha que ser negra. Assim eu teria como mostrar os contrastes do Brasil.

A diretora Denise Saraceni, por sua vez, disse que a novela não tinha intenção de discutir o racismo: "Nossa história é uma história de amor típica de folhetim, não tem nada de social, mas como a protagonista é negra, inevitavelmente ela passará por situações desagradáveis, refletindo o que acontece em nossa sociedade."

Conhecida a história, vamos aos fatos, a começar pelo título. Da cor do pecado é título de uma música composta por Bororó na década de 1930 e interpretada já por vários nomes da MPB, no caso da novela, quem interpreta a canção é Luciana Melo. Nessa composição se pode localizar claramente a manifestação de preconceito em frases como (...) é um corpo delgado da cor do pecado e [...] a vergonha se esconde porque se revela a maldade da raça [...].

A despeito do título alusivo à música, a personagem vivida pela atriz Taís Araújo não corresponde ao estereótipo da mulher sedutora e arrebatadora. O título induz à interpretação de que a mulher negra traria na cor da pele a maldade da raça, idéia explicitada pela antagonista Bárbara, que disputa com Preta o amor de Paco.

Outra questão para discussão está em Bárbara, personagem branca, que exacerba o seu preconceito racial disparando expressões como "aquela negrinha" e "negra suja", em diversos momentos da novela, sem que nenhuma providência legal seja tomada pela ofendida ou por outros personagens não-negros que presenciam os fatos, mesmo existindo uma legislação específica para esses casos.

Por um lado, tem-se, no título e na própria abertura, a alusão ao estereótipo da mulher negra como objeto sexual. Por outro lado, a trama estampou nacionalmente o racismo velado da sociedade brasileira e suscitou de maneira positiva o debate em torno das relações étnico-raciais. O melhor é que a opinião pública, majoritariamente, mostrou-se favorável a um final feliz entre Paco e Preta, diferentemente do que ocorreu no caso da novela *Corpo a Corpo*, em 1978. Nesta, a personagem Sônia, interpretada pela atriz Zezé Motta, mantém um relacionamento amoroso com uma personagem não-negra, Cláudio, interpretada pelo ator Marcos Paulo. A família do rapaz se opõe ao relacionamento por preconceito racial, até que Sônia salva a vida do pai de Cláudio, Alfredo, vivido por

Hugo Carvana, doando seu sangue. Tal atitude provoca o arrependimento de Alfredo, que acaba consentindo no casamento e pedindo perdão a Sônia. Entretanto o casal não teve uma boa aceitação pelo público, como relata a própria Zezé Mota, no documentário *A negação do Brasil* (2000), de Joel Zito Araújo. Na época, muitas pessoas não viram com bons olhos aquele relacionamento inter-racial.

Interessante lembrar que não foi a Globo a pioneira a ter um personagem negro como protagonista de novela, como ela costuma afirmar. Na verdade, a primeira novela da história moderna a ter um protagonista negro foi *Xica da Silva*, de Walcyr Carrasco (sob o pseudônimo de Adamo Rangel), baseada no romance *Xica Quem Manda*, de Agripa Vasconcellos, exibida pela extinta Rede Manchete, em 1996. Na direção dos 231 capítulos esteve Walter Avancini. A mesma história foi reprisada pelo SBT, em 2005.

A trama é baseada na história da mineira Chica da Silva, uma escrava que virou rainha em pleno século 18 e que conquista o rico e poderoso comerciante de diamantes João Fernandes, servidor da Coroa Portuguesa, motivo, aliás, que impede a oficialização da união do casal. A história, que já inspirara Carlos Diegues para a produção cinematográfica em 1976, cunha a imagem de Chica como uma mulher sensual, mimada, ardilosa e impiedosa, cujo principal desejo é se impor na vida social dos brancos, pouco se importando com a questão da escravidão. Xica interpretada por Tais Araújo, que tinha 17 anos na época, era uma moça muito atrevida e, também, inteligente, que acabou conquistando um marido rico, deixando de ser escrava e escandalizou a sociedade hipócrita da época, movida pela cobiça do diamante.

Na época, a novela levou a Manchete de volta ao segundo lugar na audiência na televisão, depois de alguns anos em crise. A arma utilizada foi o erotismo e a forte retratação histórica. Andréia Souza, no texto “Negro em cena”, afirma que a Rede Globo de Televisão, desde a sua fundação em 1965, produziu novelas cujos enredos reservavam aos personagens e, conseqüentemente, aos atores negros

papéis de escravos, em sua maioria servís ou traidores, moleques de recado, preguiçosos ou da negra sensual que ameaça a harmonia familiar. Essas novelas alimentavam o imaginário social sobre o negro como ser inferior, cultural e economicamente, aos brancos, impedindo a construção de uma identidade positiva para a comunidade de afro brasileiros e deixando de promover discussões sobre o preconceito étnico-racial.

Quando a discussão sobre a libertação dos escravos, em geral como pano de fundo para uma trama mais romântica, é trazida à luz, a responsabilidade heróica pelo desfecho positivo é imputada ao homem branco, em geral jovem, republicano e solidário à causa dos negros e negras escravizados. Foi o que se viu na novela *Escrava Isaura*, levada ao ar em 1976, com roteiro adaptado por Gilberto Braga do romance

homônimo de Bernardo Guimarães, e em *Sinhá Moça*, em que o ator Henrique Felipe da Costa interpretou um líder quilombola (2005:174-175).

Retomando a análise dos personagens negros nas novelas de João Emanuel Carneiro, segue-se para a segunda novela de sua autoria, *Cobras e lagartos*, de 2004. Nela, destaque para dois personagens, Ellen e Foguinho, interpretados respectivamente por Taís Araújo e Lázaro Ramos, que de verdadeiros anti-heróis tornaram-se protagonistas, caindo no gosto do público e ofuscando personagens como Duda e Bel (o par romântico principal da novela) e Estevão e Leona (o casal de vilões antagonistas). A atuação marcante de Lázaro Ramos, como Foguinho, inclusive, lhe rendeu a indicação no Emmy 2007 de Melhor Ator. Porém ele perdeu a estatueta para Jim Broadbent, de *The Street*. O International Emmy Awards, ou simplesmente Emmy, é o equivalente ao Oscar da televisão internacional.

Foguinho, um malandro que leva a vida à base de mentiras, vive no Saara. Ele vive cercado de gente que está louca para vê-lo pelas costas, como seu pai Ramires, a madrasta Shirley e seus irmãos, Sandrinha e Téo. Desde a adolescência, Foguinho é apaixonado por Ellen, vendedora da Luxus que pensa apenas em subir na vida. Por um golpe do destino, a fortuna de Omar, após a sua morte, não vai parar só nas mãos de Bel, sua sobrinha, mas também na de Foguinho, confundido com outro Daniel Miranda (Duda). E a partir daí, a vida de Foguinho dará uma reviravolta na de todos os outros personagens. Foguinho prossegue com a farsa, desfrutando da fortuna de Omar.

Outro personagem negro presente na novela é Jair (interpretado por Milton Gonçalves), pai de Ellen, que apesar de ser amigo íntimo há muitos anos de Omar Pasquim, continuava trabalhando como motorista/modormo para ele. Jair, inclusive morre junto com Omar, durante um incêndio criminoso na Luxus. Parece que só na morte as diferenças acabam sendo amenizadas...

Em 2008, a novela *A Favorita*, a terceira de sua autoria, causou polêmica quando foi anunciado que, não só haveria uma família de negros rica, como essa família seria rica porque o pai é um deputado corrupto. Antes disso, o negro já foi representado como bom caráter e como mau caráter, mas é raro ver uma novela com negros protagonistas (outra família negra que chamou muita atenção na época foi a da novela *A próxima vítima*, de 1994). Mais uma vez, João Emanuel Carneiro repete a fórmula de que o negro só consegue ascender socialmente quando é desonesto, reforçando ainda mais os estereótipos que rotulam os negros.



Revista África e Africanidades - Ano 3 - n. 11, novembro, 2010 - ISSN 1983-2354  
[www.africaeafricanidades.com](http://www.africaeafricanidades.com)

## Referência

SOUZA, Andréia Lisboa de. Negro em cena. In: SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al...]. De olho na cultura: pontos de vista afro-brasileiros. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005, pp. 168-186.

ARAÚJO, Joel Zito. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.